Fortaleza e a Integração Urbano-Rural

F. ALVES DE ANDRADE

(Pronunciamento do Prof. Francisco Alves de Andrade e Castro, como orador oficial do INSTITUTO DO CEARÁ, na sessão comemorativa do SESQUICENTENÁRIO DA ELEVAÇÃO DE FORTALEZA, à categoria de Cidade, na solenidade de 17.03.1973).

Cumprindo a sua missão de reverenciar com o culto do pensamento as honrosas tradições da terra cearense, reune-se o INSTITUTO DO CEARÁ para solidarizar-se com as comemorações do sesquicentenário da elevação de Fortaleza à categoria de cidade.

Esta solenidade tem o mérito de recompor o quadro da história e tê-lo sempre presente, face à indiferença com que a materialidade bárbara dos novos mitos vai apagando nas consciências os supremos ideais da vida.

Guarda esta Casa o diuturno hábito de mergulhar no tempo para efetivar o cultivo dos insuperáveis valores humanos.

O que realizamos hoje é a continuidade do que fizemos ontem, quando o INSTITUTO recebia os restos do imortal fundador do Império brasileiro, redivivo em sua passagem pelas províncias, que receberam de suas mãos a independência e cresceram para a liberdade.

Reacendemos na pira a chama votiva do amor à Pátria, relendo entre os documentos da Coleção Studart, a carta de elevação da Vila de Fortaleza à Categoria de Cidade.

ELEVAÇÃO DA VILA DE FORTALEZA À CATEGORIA DE CIDADE

"Dom Pedro, pela graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil."

"Faço saber aos que esta Minha Carta virem: que tendo eu elevado este País à Categoria de Império, como exigem a sua vasta extensão e riqueza, e tendo-me dado as Províncias de que se compõe grandes e repetidas provas de amor e fidelidade à Minha Au-

gusta Pessoa e de firme adesão à causa sagrada da Liberdade e Independência deste Império, cada uma segundo os meios que ministram a sua população e riqueza: houve por bem por Meu Imperial Decreto de 24 do mes próximo passado, em memória e agradecimento de tantos e tão relevantes serviços, que ela tem prestado, concorrendo todas para o fim geral do aumento e prosperidade desta grandiosa Nação, Elevar à Categoria de Cidade todas as vilas que forem capitais de Províncias. E havendo anteriormente requerido esta mesma condecoração em favor da vila de Fortaleza da Província do Ceará e comarca da mesma Vila em seu nome e do Clero, Nobreza e Povo. pelos atendíveis motivos, que se verificaram na Minha Augusta Presença em Consulta da Mesa de Desembargo do Paço, em cujo parecer Me conformei por Minha Imediata Resolução de 2 de Janeiro do corrente ano: Hei por bem, Tendo a tudo consideração, que a dita Vila da Fortaleza fique ereta em cidade, e que por tal seja havida e reconhecida com a denominação de Cidade da Fortaleza da Nova Bragança, e haja todos os Foros e Prerrogativas das outras cidades deste Império, concorrendo com elas, em todos os atos públicos e gosando os cidadãos e moradores delas de todas as distinções, franquezas, privilégios e liberdades de que gosam os cidadãos moradores das outras cidades sem diferença alguma; porque assim é Minha Mercê; pelo que mando à Mesa do Desembargo do Paço e da Consciência eOrdens Conselho da Fazenda, Regedor da Casa de Suplicação, Junta do Govêrno Provisório da Província do Ceará e a todas as mais das outras províncias, Tribunais, Ministros de Justiça e quaisquer outras pessoas, a quem o conhecimento desta Minha Carta de Lei haja de pertencer, a cumpram e guardem como nela se contém, sem dúvida ou embargo algum. E ao Monsenhor Miranda, Desembargador do Paço e Conselheiro-Mor do Império do Brasil, Ordeno que a faça publicar na Chancelaria, e que dela envie cópias a todos os Tribunais e Ministros, a quem se costumam enviar cópias de semelhantes cartas, registrando-se em todas as Estações do estilo e remetendo-se o Original à Camara da dita Cidade para o seu Título. Dada no Rio de Janeiro aos 18 de Março de 1823, segundo ano da Independência e do Império — Imperador com Rubrica e Guarda." (1).

A EXISTENCIALIDADE DE FORTALEZA NUMA COMPREENSÃO GLOBAL

Vê-se claramente que a instituição da cidade alinha-se entre as preocupações generosas de liberdade e valorização da terra e do homem brasileiro, cujos direitos inalienáveis tenderíam à expressão mais alta e digna.

A existencialidade de Fortaleza não pode então ser vista ou considerada isoladamente do contexto nacional, de sua compreensão e extensão regional, do conteúdo integral da formação da nossa gente.

Insere-se como a mais avançada torre das aspirações de um povo que, na história das raças humanas postou-se corajosamente em cálida epopéia, vertendo com o suor dos seus braços, lágrimas e esperanças do seu coração, documento de paciência, altamente significativo, a revelar neste ângulo do Nordeste, tão longamente esquecido, a demonstração daquela teoria do "desafio-resposta" com que TOYNBEE explica a formação das culturas.

Para o historiador inglês, as civilizações se criam e desenvolvem, não de situação fáceis, mas de condições difíceis a que o homem dá a sua resposta através de culturas. Temos lembrado sempre que as grandes secas figuram na história do desenvolvimento do Nordeste como reptos naturais ou desafios, que despertam correspondentes respostas.

Assim também tem sido quase que toda a história do Ceará, a que Padre Valdivino Nogueira chamava "um poema de dores, num martírio de três séculos."

Difíceis foram as situações aqui encontradas pelos navegantes e colonizadores. E posto que expedições hajam se antecipado em bater a estas costas, como o fizera PINZON, antes de Cabral, desembarcando ante o Rostro Hermoso, que alguns tentam identificar como o Mucuripe, aqui se ficou o Ceará esquecido, escondido; como terra de refúgio e posto de trânsito.

Realmente, como professa o nosso saudoso e imortal POMPEU SOBRINHO, com documentação forte em contradita a outros historiadores ilustres, no Ceará foi que se deu o descobrimento do Brasil. Mas, de 1500 a 1603, ficou-se o autóctone a ver passar as excursões náuticas, até que a "Bandeira" de Pero Coelho, objetivando a defesa da terra cobiçada pelos franceses, armou-se do sonho da Nova Lusitânia. Subiu o planalto da Ibiapaba, via Camocim, para expulsar os franceses, já estabelecidos na Serra, "em promissora convivência com os índios tabajaras." (2) Daí era preciso alcançar o Maranhão, onde o domínio francês ameaçara por meio século, entre 1555 e 1614 a colonização portuguesa, tendo ali fundado os normandos a sua feitoria, denominada França Equinocial.

A defesa tinha que se efetuar pelos caminhos da terra a dentro, deixando os caminhos do mar, então perigosos e difíceis, pela pertinácia dos ventos e perpétua correnteza das águas. Os ventos ordinariamente eram brisas desfeitas e não tocavam as velas. "Assim certifica o Padre Antônio Vieira, toda a costa fícava quase

inavegável, sendo o caminho marítimo uma das mais custosas e trabalhosas navegações.

O problema da reconquista do Maranhão inspirou o da colonização cearense, devendo a Capitania do Ceará servir de base militar para as operações contra os franceses no Maranhão.

Assim foi que veio ao Ceará em 1603, o açoriano Pero Coelho, partindo da Paraíba, para a Conquista do Ceará e do Maranhão, 200 índios, tabajaras e potiguaras, e com 60 homens e soldados, acompanhado do moço Martim Soares Moreno. Desembarca na foz do Jaguaribe. percorre o longo da costa até o Camocim e ruma para a Ibiapaba. Trava combate com os franceses e sai vencedor. Engrossa as suas tropas com os índios flecheiros que se passaram dos franceses para os vencedores. Avança para o Maranhão e esbarra no Parnaíba.

Ali, as forças expedicionárias, temerosas de insídias e percalços, negam-se a prosseguir acompanhando o valente Capitão-Mor, que fora mandado a paragens longínquas, sem despesas para o Governo.

O conquistador, frente ao impacto de recursos esperados e não enviados pela metrópole, regressa à Paraíba, deixando na barra do Ceará 45 soldados sob as ordens de Simão Correia em refúgio humilde que denominara de Nova Lisboa, capital de uma também sonhada Nova Lusitânia.

A segunda tentativa de conquista da terra foi mais de caráter evangélico ou missão dos padres jesuítas Francisco Pinto e Luís Filgueiras. Mandou-os o Provincial Fernão Cardim "com o intento de pregar à gentilidade do Maranhão, fazendo-a" deitar de si os franceses consários que lá residiam, para que, indo os portugueses, não os deixassem nem cativassem." (3).

As dificuldades criadas por Pero Coelho, prendendo índios, desbaratando e maltratando nativos, geraram convicção da necessidade de um empreendimento pacifista tendente à missão religíosa.

Se a primeira tentativa de colonização cearense fora a conquista pela espada e pela força, a segunda tornou-se simplesmente uma jornada mística, de longos sacrifícios e violento martírio.

Trucidado pelos índios o mártir da catequese, Padre Francisco Pinto, foi sepultado ao pé da montanha, em Abaiara (Ubajara). A santidade do missionário firmou a convicção de seu poder de milagre. E aplicaram-lhe o nome de Amanaiara (o senhor da chuva).

Coube a Martim Soares Moreno, colaborador de Pero Coelho, continuar a luta. Aprendera a linguagem dos índios, com eles travara relações de amizade, intensificando o trabalho de pacificação.

A ele se deve o título de Fundador do Ceará. Dí-lo o historiador Raimundo Girão. E assim conclui em suas notas e comentá-

rios à "Relação do Ceará": "Apresenta-se a sua personalidade forte como simbolização amorável do nosso nascimento histórico, criado o cearense desde o berço nos fustigamentos de sua geofísica, que o antecederam nas investidas do povoamento." (4).

Ninguem mais capaz que o jovem e ardente guerreiro, para defender a colônia ameaçada e aproveitar-lhe os recursos. Assim, já em 1611, de ordem de Mendonça Furtado, partiu de Natal para o Jaguaribe. Estabelece a amizade com os índios, repele a tentativa de desembarque dos franceses. "Ali, no dito ano, diz assim para a posteridade em sua "Relação do Ceará", degolei mais de duzentos franceses e flamengos piratas e lhes tomei 3 embarcações, donde uma delas veio a Sua Magestade... e para fazer êstes assaltos me despia nu e me rapava a barba, tingindo de negro com um arco e flechas, ajudando-me dos índios, falando-lhes de contínuo a lingua e perguntando-lhes o que já sabiam bem fazer, no dito ano fiz pazes com 3 castas de tapuias ali vizinhos e por meio deles tive novas do Maranhão e foram índios dele a falar comigo donde me deram notícias das boas terras que havia naquelas partes e gastando sempre muito de minha fazenda para fazer estas pazes. Estas iniciativas lhe valeram o título de Capitão-Mor do Ceará, devendo para aqui vír definitivamente, partindo da Bahia e aportando à barra do Ceará em 1612. (5).

E aí mesmo, sobre os restos de refúgio do malogrado núcleo de Pero Coelho, ergueu o forte de São Sebastião, com capacidade de abrigar 200 homens, soldados e moradores, construiu a capelinha de N.S. do Amparo, restabelecendo as estruturas de defesa e habitação.

O exclusivo intento de ocupação militar continua até 1621, depois de haver seguido para o Maranhão na luta contra os franceses, e cessada a contenda, volta Martim ao Forte, para iniciar verdadeiramente a colonização. (6).

Traz consigo cavalos, vacas, cana de açucar e sementes diversas. Entre 70 léguas de circuito e 22 nações de tapuias de diferentes línguas, observa que as terras boas ficam para dentro. A dificuldade de penetração, a escassez que se depara, apesar do seu otimismo em bem informar, logo denunciam as hesitações e tateios ao enfrentar a nova luta pela utllização dos recursos.

Já em 1613, observara Diogo Moreno: "a terra de esta capitania geralmente é terra fraca, mais para gado e criação do que para canaviais e roças e às vezes faltam as chuvas, mas tem muitas partes em que se podem fazer fazendas. Terras arenosas e fracas e boas só para pastos e gados. A escassez de meios hídricos, as secas e as virtualidades de recursos para o criatório, cedo indicaram intuitivamente o caminho. (7).

Cedo surgiram conflitos no problema da ocupação. O núcleo embrionário da cidade teria que vagar entre a barra do Ceará, as colinas em torno do Pajeú e o Aquiraz. Não havia condições estruturais de implantação definitiva do **urbs.** A terra fraca, a falta de chuvas regulares, afastando a aptidão para a agro-indústria canavieira abriram caminho para a vocação pastoril, sentida por Díogo CAMPOS MORENO e confirmada por SOARES MORENO em sua "Relação do Ceará": "para os pastos de todo o gado são estas as melhores terras que hei visto." (8).

O gado, porém, não teria a sua real expansão a partir do litoral, isolado do interior, sem outros recursos de preparo bélico para a penetração do domínio mediterrâneo. Observam ainda os historiadores que, do gado vacum resultante da semente trazida por Martim SOARES MORENO, desde a sua chegada, em 1621, até a perda e tomada do forte pelos flamengos em 1637, encontraram estes pouco mais de duas centenas de reses. (9) A pecuária que gerou condições nutricionais para a economia, dando-lhe estrutura e vigamentos positivos viria dos sertões. Fortaleza vagava muito pobre, mirrada em sua fase de blástula, sem condições de nidação e, por muito tempo careceu de placenta para o seu desenvolvimento estrutural.

Diga-se de passagem que um tal desprendimento, uma certa aversão às asperezas do mundo rural, a indiferença no vincular-se ou solidarizar-se com os sertões que lhe dão umus e seiva, a abulia de penetração das vivas fontes de vida do Ceará foi e continua sendo tradição de sua debilidade congênita.

ACANTONAMENTO GEOGRÁFICO

Subsiste no Ceará aquele acantonamento geográfico oriundo de uma configuração diferente, a contextura de emparedamento que **ab initio** obstou a sua expansão. Esta situação vigorante nos tempos dos barcos à vela foi substituída mais tarde pelas adversidades e incertezas do clima, que mostrou os riscos frequentes da agricultura, os desastres das secas periódicas e das crises estacionais.

Eis que nos servimos da talentosa imagem de Parsifal Barroso, apoiado nos escritos de YACO FERNANDES, para reviver a peculiaridade telúrica — a estranha e desfavorável quadratura do enorme fundo de saco, que se fecha pela linha final de costura que é a Serra da Ibiapaba, escondendo o Ceará dentro do Nordeste... "Por toda a fronteira, umas após outras, alongam-se as serras, açudando o Ceará numa vasta ferradura, circundado pelo cinto pétreo dos chapadões fronteiriços." (10).

Ontem, como hoje, estende-se mais aos nossos olhos o anfi-

teatro da caatinga, em que a **silva aestu horrida** sofre o ímpato do cristalino, castigada pelo excessivo sol. Miramo-nos, nesta oportunidade na poética de ANTONIO SALES:

"Oh minha terra! | Oh minha grande mãe de areia e argila | Que um puro céu refletes na pupila | Mãe dolorosa, a quem às vezes | O vento e o sol declaram guerra | Durante longos e longos meses, | Ceifando vidas e fechando lares, | Matando a fauna; aniquilando a flora | Reduzindo a desertos tumulares | As estâncias ubérrimas de outrora." (11).

A implantação de Fortaleza como cidade, que muito tempo permaneceu isolada de costas para o sertão e de frente para o mar, sofreu duras contingências, vencendo afinal, quando se estabeleceram as ligações com o interior, abrindo-se significativamente o ciclo das exportações.

A colonização de Martim Soares Moreno sofreu fatal decadência com a criação do Estado do Maranhão, tendo o Capitão-Mor alegando as dificuldades de comunicação, solicitado ao Rei que dividira o Brasil em dois Estados, o do Maranhão ao Norte, em que fora incluído o Ceará e o do Brasil ao Sul, que o Ceará fosse incluído neste último. Separado de direito do Estado do Brasil e de fato do Estado do Maranhão, sofrendo de absoluta carência de recursos financeiros, faltando os pagamentos dos servidores, desesperados e doentes, descalços e nus, e afinal, sobrevindo a guerra holandesa, Martim viu anulados os seus esforços, retirando-se em 1631 para Pernambuco, a fim de tomar parte na guerra contra os holandeses. Aqui relembramos uma passagem da Eneida, aplicável aos difíceis destinos das nações:

Tantae molis erat romanam condere gentem (12).

Quão difícil era a constituição de um povo, a fundação de uma cidade.

Com a ocupação holandesa, inicia-se a fase do forte de Schconenborch, implantado, em honra ao então governador bátavo de Pernambuco, por Matias Beck, considerado por estudiosos o fundador da cidade. Não debateremos a tese, mas preferimos pôr diante dos nossos olhos aquelas substanciosas páginas com que o culto historiador desta casa, Prof. Raimundo Girão, escreveu a "Geografia Estética de Fortaleza". (13)

A CIDADE E A GEOGRAFIA ESTÉTICA

Textualmente o ilustre consócio assim se expressa: "A origem da Capital Cearense é o forte ou castelo, levantado pelos holandeses na enseada do Mucuripe, localizado na foz do riacho Pajeú com o duplo fim de defesa e de centro de irradiação das providências li-

gadas à exploração de minérios de prata na serra de Itarema (hoje Taquara) contraforte da de Maranguape." (14).

Entre esperançosos e desconfiados, sob o comando de Matias Beck, aqui chegaram os holandeses a 2 de abril de 1649, permanecendo cinco anos (1649 a 1654). O Engenheiro Ricardo Caar traçou o risco da fortificação. Da barra do Ceará, vieram para o novo forte as peças de artilharia e até as telhas. Em tão breve espaço, tentaram fazer trafegar as salinas e promoveram a inspecção das encostas de Maranguape. Entregaram a praça a 20 de maio de 1654 ao Capitão-Mor Alvaro de Azevedo Barreto.

Girão transcreve em seu importante livro a carta de Beck, textualmente, um dramático epílogo: "vivi, desde o ano de 1649 até o ano de 1654, no meio de grandes dificuldades e privações, como para a minha enorme tristeza acabo de descobrir agora, de numa vã esperança ter passado o meu tempo no Siará, cercado de uma população selvagem, bárbara e perigosa, tanto de Brasilianos como de Tapuias; e quando chegava a deslumbrar a possibilidade de um bom e vantajoso resultado, eis que recebo a mais deplorável das notícias".

Afinal, a perseverança portuguesa, recebendo o forte, continuou a luta. A posse lusa, consertando sem demora a fortaleza, batizou catolicamente o forte calvinista de Nossa Senhora da Assunção. A cidade ergueu-se, dita a Geografia Estética, como Roma, sobre sete colinas.

Sobre elas vislumbramos os bastidores de um palco em que alguns acidentes nos revelam o desafio-resposta no drama da conquista, segundo os novos fins da cultura. Na colina da Misericórdia ergue-se a fortaleza, que deu o nome à cidade, reconstruída entre 1765 a 1781, ao lado Quartel da 10ª Região. No começo do século XIX os governador Barba Alado e Manoel Inácio Sampaio reconstruíram, melhorando muito o forte. Em sua feitura, espelha a arte executiva do nosso 1.º urbanista, que foi Silva Paulet, autor da planta fundamental da cidade, em retas de prospecção ao futuro. No mesmo alto está o Passeio Público, a Praça dos Martires da Revolução de 1824, que deverá lembrar o sangue indelevel de Mororó, Carapinima e Inácio Bolão, que ensinaram a nossa gente a epopéia da liberdade. No antigo outeiro, fala dos primeiros impulsos de nossa formação cultural, o velho Seminário da Prainha, uma das torres avançadas da fé e do pensamento cearense. Em outra colina mais para o oeste, ao sopé do morro do Croatá, foram construídas as instalações da nossa estrada de ferro, que garantiu a expansão da cidade, realizando a integração econômica e social dos sertões. Mais além, em outra colina, o Alto do Pimenta; à margem do riacho do Garrote, os arredores onde se ergueram a Igreja do

Coração de Jesus, o Parque da Liberdade e além, o coração da cidade, onde o Boticário Ferreira empreendeu a sua luta pelo desenvolvimento da nossa cidade, a Praça do Ferreira, que apesar das deformações antitradicionalistas, ainda lhe guarda o nome. No apíce de outra colina, onde se encontra a Praça da Bandeira, onde se ergueram os serviços de água, a nossa Faculdade de Direito, e além, a Avenida da Universidade, nosso mais recente baluarte de integração e desenvolvimento cultural.

A TRADIÇÃO E A INTELECTUALIDADE

Ao invés do árido aspecto de uma dialética histórica, preferiríamos, à guisa de Geografia Estética, que estuda a paisagem emocionalmente observada, sentida, ir pelas mãos dos mestres entendidos de Fortaleza, nesta Casa, a exemplo de Raimundo Girão, Carlos Studart Filho, Mozart Soriano Aderaldo, na tarefa de redescobrir um a um os polos das tradições mais queridas. E, tocando blocos inertes de praças e paredes, edifícios, mármores e granítos; arrancaríamos do encantamento aquelas coisas lindas da antiga ternura, que o povo esqueceu e o vento levou.

Estudaríamos ainda com Denizard Macedo, Oswaldo Riedel, Josa Magalhães; Luís Sucupira, Aurélio Câmara, Zélia Camurça e outros, (15) a personalidade vibrante, muito humana e inquieta do Boticário Ferreira e, a partir dos traços geniais e fírmes de Paulet, a problemática urbanista, de sentido humanista em campos projetivos, ligando o passado, o presente e o porvir.

Mostraríamos, desde a Fortaleza do Brasil Colônia, do Brasil Reino, do Brasil Império ao Brasil República, em perspectivas de ideais e sonhos de Adolfo Herbster, Saboia Ribeiro, Hélio Modesto e outros o que a cobiça apagou, o que a vaidade esqueceu, o que a inteligência viveu e não foi aceito ou obedecído.

Acompanharíamos o trabalho persistente e anonimanizado dos nossos Prefeitos, desde os primitivos ao atual, com o seu dinamismo inquieto, operoso, frente às novas estruturas; em ímpetos de renovação. Mas, teríamos também a coragem de levantar outros problemas e fazer a crítica das deformações e destruição da natureza viva, à teimosia rude e bárbara aridez frente a um mundo poluído, de gases, de violências e ruídos. Seria uma tarefa em que deveríamos marchar hombreados e dirigidos em nossas Universidades, por seus cientistas, técnicos, urbanistas, professores de ciências, letras e artes... Mas, em que mundo, em que estrela se esconde apoio para iniciativas deste gênero?

Lembramos à esta altura o irônico-amargo da crítica do talentoso expositor de idéias, culto e brilhante consócio que é Parsifal

Barroso, quando assevera que "o cearense não cultiva a tradição e nem ama as raízes de sua História, ainda preso ao vir-a-ser de suas lutas de afirmação e das aliações lúcidas". A contingência do meio ambiente, leva-o ao imediatismo e à improvisação, sem nenhum tempo para criar algo a longo prazo. Há nele, insiste o observador, a insegurança e o temor marcando-lhe a vida, não obstante os avanços e as melhorias alcançadas no terreno sócio-cultural. E logo identifica em nossa gente a índole "do espartano ativista, civilizador e negocista ávido de liberdade e de segurança", mas com um portentoso potencial de capacidade de afirmação ainda não aprovetado em sua terra e em seu benefício. (16)

No meio intelectual, Fortaleza, superando o próprio crescimento material, desenvolveu-se extraordinariamente, dando a conhecer a marcha de sua inteligência. A avançada e exuberante pesquisa do saudoso consócio Dolor Barreira sobre a História da Literatura Cearense, constitui sobeja comprovação daquele adiantamento nas letras através do qual o Ceará afirmou-se culturalmente, de tal modo a constituir o esplendor mental da cidade, nos remotos tempos de 1870 a 1890. Citando Tristão de Ataíde, revela Dolor que o Ceará tivera então três movimentos intelectuais: um movimento **filosófico**, capitaneado pela Academia Francesa do Ceará com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Junior, João Lopes, Tomás Pompeu e outros; o movimento político, de 1880 de sentido abolicionista e republicano, com o jornal Libertador e a Revista Quinzena; e o movimento literário de 1890, com a fundadação da Padaria Espiritual e do seu órgão **O Pão**, levado pela geração de Farias Brito, Antonio Sales, Adolfo Caminha, Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo e outros. (17)

Em seu estudo de Crítica Literária sobre Rocha Lima, Djacir Menezes destaca a voz corrente entre os estudiosos da história cearense de que o último quartel do século XIX oferece o melhor repertório das idéias e a mais vigorosa geração intelectual. E diz que a cidade começava a romper o acanhamento colonial. E concluiu que "pulsava aqui um centro autônomo, ressonância de centros europeus, com líderes dotados daquela **pensée agissante** que se manifestava nas lojas maçonicas, na redação dos jornais, nos grêmios; nos clubes, nos cafés, nos gabinetes de leitura. A literatura viva; em choque com a tradição, ansiosa de novos horizontes políticos e filosóficos." (18) "Fortaleza, cidade ainda menina, conservaria aquela frescura matinal que subia do vale do Pajeú, onde se malarruavam sítios bucólicos. Era a cidade que bailava e sorria, ouvindo poetas, mas tinha também conflitos eleitorais embora mais moderados que os dramas do interior." (19).

Era todavia ainda uma cidadezinha de 27.000 habitantes, quase

toda lastreada de areia, de casario miudo e branco, com raça cabocla dominando a negra, o sol ardente, os areais brancos; os coqueiros, os comoros dando a impressão de uma costa marroquina, sem arte muçulmana, terra pobre, deserta; de beduínos e ciganos..." Assim a descrevia GRAÇA ARANHA, quando de sua passagem pelo Ceará, nos remotos tempos de 1887. (20)

VIDA URBANA E APOIO RURAL

Rica e de melhor aparência urbana era Aracati, onde o empório da carne seca se firmara e com este apoio desenvolviam-se Granja, Camocim e Sobral que também fabricava carne seca. Aracati, instalada Vila a 10 de fevereiro de 1748, excedeu durante mais de meio século às outras povoações. Ainda não era Vila e já abatia cerca de 20.000 bois, abrindo o ciclo das exportações de produtos pecuários, compreendendo, além da carne; 60.000 meios de sola; 30.000 couros salgados, 35.000 de cabras e 3.000 de pelicas. Dominava então o Ceará econômica e socialmente. (21).

Claro que, não oferecendo Fortaleza e toda a região litorânea condições para a implantação massiva da agro-indústria canavieira, fraquejaram-lhe elementos para a expansão do domínio periférico litorâneo. A nossa base ou fundamentação agrária foi pastoril. O gado cobriu as sesmarias. A pecuária firmou nos sertões o domínio mediterrâneo. Depois, o ciclo do algodão consolidou a sua expansão. Note-se que ainda na dominância pastoril, quando o Governador Sampaio remodelava a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e construia o Palácio da Luz, foram os bois do fazendeiro José Alves Feitosa, dos Inhamuns, que garantiram moeda para a subscrição da qual este foi o mais generoso subscritor, e aval como fiador de transações. As obras da Fortaleza, concluídas em 1822, relata JOÃO BRIGIDO, custaram 15.103$267 de um fundo subscrito, e os fazendeiros vinham com os seus escravos e bois tirar tarefas, que lhes eram marcadas. (22).

O DOMÍNIO ECONÔMICO E SUA EXPRESSÃO REGIONAL

Não nos deteremos mais na longa exposição com o objetivo de atingir certo ponto crucial que preocupa o orador, voltado para a vida agrária, cuja crise nos ameaça, frente ao desenvolvimento urbano. Nunca é demais recorrer às lições da História.

Na leitura do memorial com que o urbanista SABOIA RIBEIRO apresentou o seu Plano Diretor à Prefeitura Municipal de Fortaleza, abordando aspectos de conteúdo global, destacamos esta assertiva: "A cidade de Fortaleza deveria surgir antes como um ba-

luarte situado ao longo de um caminho terrestre do que como um ponto de penetração." (23)

Tomaremos a acepção de baluarte não no sentido militar de defesa do território, mas num sentido projetivo das graves preocupações de domínio econômico e social. Fortaleza não deverá crescer de costas para os sertões e de frente para o mar. A cidade não poderá fugir a sua missão integradora de uma região que deverá ser humanizada em sua paisagem e condições de vida. Surge a esta altura o impositivo da organização espacial a que ROUGE denominou de Geonomia, o ajustamento de um território a suas funções econômicas e sociais. Cede lugar o conceito mecanicista de desenvolvimento ao sentido orgânico, humano, considerando-se todas as necessidades de uma população que não é somente a soma dos habitantes de uma cidade, mas consideração daquela que vive em todo o território cearense, que tem a sua Capital como centro de suas preocupações.

Na Geopolítica brasileira, avulta a importância das capitais como centros de catalização e polarização regionais. Fortaleza não poderá ficar à mercê de envolvimentos a exemplo do que lhe tem acontecido em relação a alguns aspectos de sua História. Toda a dinâmica do desenvolvimento resulta do comando das flutuações de fronteiras. A esta altura, devemos inserir a conceituação de uma tese que defendemos.

Aos que investigam e tentam a programação do desenvolvimento econômico do Nordeste convém advertir sobre a necessidade de um tratamento histórico e sociológico. Convém acertar os retículos em rumos que são diferentes quanto a pelo menos dois Nordestes — o realmente úmido cuja maior expressão é Pernambuco, analisado e interpretado por Gilberto Freire e o seco, cujo centro dinâmico será sempre o Ceará. E aqui, há que lembrar o contraste de duas culturas; uma não pode ser atrelada à outra, pois como magistralmente definiu o nosso Djacir Menezes, contrapõem-se: "o Nordeste do vaqueiro e dos currais; o do latifúndio ao da exploração pastoril; o que se impregnara de sangue negro evoluindo noutro sentido, ao que se desenvolvia do trabalho incerto e libérrimo das caatingas e dos vales úmidos, onde abrolhavam esparsamente núcleos mal ganglionados de centros agrícolas irregulares." (24).

Nos últimos anos, Fortaleza saltou a barreira do isolamento com as novas estruturas implantadas de estradas como a do algodão e outras do sistema rodoviário. A energia de Paulo Afonso beneficiou-a com as suas torres e um sistema de comunicação avançada jogou a cidade na órbita dos granfluxos. A Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas indica que a Região urbana de Fortaleza possui 52 centros, abragendo uma área de 413.048 quilometros quadrados e população de 7.506.537 habitantes com densida-

de de 18,1 habitantes por quilometro quadrado. Compreende a metade norte dos Estados do Maranhão e Piauí e todo o Estado do Ceará. (25).

Mas, se Fortaleza é a cidade que mais cresce entre as capitais Nordestinas, com os seus 3.000 habitantes em 1823 e estimadamente, tem hoje 998.000 ou seja 1.000.000 aproximadamente na data do seu sesquicentenário. De 1872 a 1920 Fortaleza mantinha-se com 5,9% da população do Estado. Todavia, de 1940 a 1970 houve saltos violentos, pois em 1940 a sua população correspondia a 7,1% ao total do Estado; passando a 10,0% em 1950; a 15,4% em 1960 e a 19,4% em 1970. Fortaleza é, ainda, entre as metrópoles nordestinas a que tem maior percentagem de fluxos agrícolas no total de relacionamentos com a sua área (49,0%), fato que se deve à sua importante função portuária, sobretudo na exportação de algodão e cera de carnauba. O seu crescimento populacional rápido é recente, tendo tido na última década um aumento de 46,5%. (26)

A INTEGRAÇÃO URBANO-RURAL

Na pesquisa sobre migrações encomendada pelo Governo do Ceará ao Instituto Joaquim Nabuco e executada com a colaboração de pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, concluíram que nas áreas urbanas há excesso de mão-de-obra, do que resulta baixa rentabilidade e produtividade, ao mesmo tempo que avilta os salários, e muitas vezes, impede a participação de novos contingentes humanos em atividades ligadas ao setor primário. (As Migrações de Fortaleza, pág. 325). (27).

Fortaleza, dizemos e é forçoso reconhecer, é o estuário de massiças erosões do interior empobrecido, minguado em sua agropecuária que se descarna, sem organização tecnológica e social compatíveis, sem assistência à altura dos seus graves problemas.

A separação entre citadinos e rurais, o rompimento com a tradição dos costumes sem progresso tecnológico, a indiferença dos civilizados ao destino dos camponeses, a perda irreparável dos líderes antigos sem o surgimento de novos autênticos, o parentesco e a amizade substituídas pelo mercantilismo, a família frente à desistegração, os templos sem sacerdotes e o ensino stm verdadeiros mestres, tudo isso está gritando aos nossos olhos como um naufrágio à distância.

Estamos nestas asserções quase repetindo a experiência de Guimarães Duque, nosso consócio do Instituto de quem citaremos afinal **in verbis:** "os atuais líderes da política, do comércio e da indústria, embora quase sempre nascidos no campo, defendem as

pretensões da coletividade urbana, das corporações manufatureiras e bancárias, que sugam os numerários da agricultura pela competição de lucros mais altos e mais rápidos e não sentem a agudeza das dificuldades do interior". (28).

É isso que é preciso mobilizar todas as classes e profissionais no sentido de um processo de integração urbano-rural. É necessário que as cidades se voltem para dentro a dar expressão econômica, educativa, assistencial, humana, ao interior.

Impõe-se motivar o ensino primário, médio e universitário, superior, com a problemática regional. A pesquisa há que dar resposta ao desafio. Até aqui, Fortaleza respondeu um pouco, mas poderá vencer muito mais, se o desnível entre a cidade e o campo seguir para uma recuperação.

Lembraremos de passagem o exemplo daquelas intelectualidades que abrilhantaram com as suas preocupações e talentos a vida de Fortaleza e do Ceará, nutrindo-a da seiva dos seus ideais e veros sonhos de uma consciência ecológica, telúrica, pois floresceram e frutificaram com as raízes profundamente mergulhadas na terra cearense.

Destacaram-se, de um lado, o grupo nimiamente literário e do outro uma pleiade de cientistas embrionários que souberam viver aquele humanismo telúrico, como se tivessem o evangelho deste torrão seco escrito no coração.

É isso que é preciso, em momentos como este, reviver a axiologia dos símbolos humanos. Fortaleza não é apenas a loira desposada do sol, branca de luares, entre verbenas e jardins pousada; nem estes verdes mares bravios cobertos de jangadas. Fortaleza são homens como aquele boticário Ferreira que encheu de calor humano esta cidade querida.

Reacendemos nas consciências estes símbolos a exemplo de um José de Alencar; de um Alberto Nepomuceno; de um Gustavo Barroso, que fez do Ceará e Fortaleza seu ideário de escritor; de um Juvenal Galeno, fundador das nossas letras, através de suas lendas e canções populares; de Rodolfo Teófilo, o nosso Pasteur e fundador da nossa tecnologia de frutos; de Ildefonso Albano, de um Tomás Pompeu e de um Barão de Studart, ideólogos de nossa problemática regional; de um Paula Ney pela poesia, para não enumerar mais muitos outros cujas vozes ressoam para a imortalidade, pois, nem tudo passa sobre a terra.

BIBLIOGRAFIA ....

1. STUDART, Guilherme, barão de. Coleção Studart; vol. 12 p. 498. Datas e Fatos para a História do Ceará, Vol. 2.º p. 5/6.
2. POMPEU SOBRINHO, Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Preto-História Cearense. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1946; 243p.
3. POMPEU SOBRINHO, Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho. Introdução, Notas e Comentários sobre a Relação do Maranhão, apud Três Documentos do Ceará Colonial, Coleção História e Cultura, dirigida pelo Instituto do Ceará, p. 16. Imprensa Oficial — Fortaleza — Ceará, 1967.
4. GIRÃO, Raimundo. Três Documentos do Ceará Colonial, op. cit. p. 180.
5. GIRÃO, Raimundo. Op. cit. ps. 161 a 201.
6. Girão, Raimundo. Op. cit. ps. 161 a 201.
7. CAMPOS MORENO, Diogo, Livro da Razão do Estado do Brasil, RIC, t. 22, 1908, p. 194, apud RODRIGUES, José Honório, Indice anotado da Rev. do Instituto do Ceará, do Tomo I ao LXVIII, p. 10. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1959.
8. SOARES MORENO, Martim, apud Três Documentos do Ceará Colonial, op. cit. p. 186.
9. GIRÃO, Raimundo Apud Três Documentos do Ceará Colonial ps. 199 a 220.
10. BARROSO, Parsifal, "O Cearense); Gráfica Editora Record; Rio de Janeiro-GB — 1969, p. 64 citação de FERNANDES, Yaco de Bleaby — In "Notícia do Povo Cearense" — Capítulo I — Cenário.
11. SALLES, Antonio, "Minha Terra"; Typ. Moderna — Carneiro & Cia. Fortaleza — Ceará, 1919, p. 1.
12. MARO, PVB. VERG. AENEIS — Eneida.
13. GIRÃO, Raimundo — "Geografia Estética de Fortaleza" — Biblioteca de Cultura Série A. Vol. I — Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza, 360 p; 1959.
14. GIRÃO, Raimundo — Geografia Estética, p. 51.
15. GIRÃO, Raimundo, op. cit. p. 60.

16. CAMURÇA, Zélia — Testamento em Nome de Deus, Amem. pp 1 a 3. In **Unitário.** Suplemento Literário. Fortaleza, 3 de maio, 1959.
— Facêtas da Vida do Boticário Ferreira — p. 2 **In: O Estado.** Fortaleza, 10 de maio, 1959.
— Facêtas da Vida do Boticário Ferreira. Continuação p. 2. **In: O Estado.** Fortaleza, 12 de maio, 1959.

17. MENEZES, Djacir, R.A. da Rocha Lima — Crítica e Literatura, Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza, 1968 — ps. 7 a 67.

18. MENEZES, Djacir, op. cit. pp. 11 a 27.

19. MENEZES, Djacir, op. cit. pp. 8 a 11.

20. BRAGA, Renato — "O Instituto do Ceará", no pensamento de Renato Braga, discurso por ocasião do seu ingresso no Instituto do Ceará, apud Renato Braga, in memoriam de ANDRADE, F. Alves de — Imprensa Universitár a do Ceará, Fortaleza, 1969 — pp. 171-172.

21. BRAGA, Renato — Um capítulo esquecido da economia pastoril do Nordeste. Rev. de Cultura Política, ano IV n. 38, março de 1944, Rio de Janeiro, p. 70 e Rev. do Inst. do Ceará, ano de 1947 e ainda in "Renato Braga, in memoriam", op. cit. pp. 95 a 106.

22. BARROSO, Gustavo — À margem da História do Ceará. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962; p. 303 e BRÍGIDO, João, apud Antologia de João Brígido — J. de Carvalho — Fortaleza de "Nossa Senhora da Assunção", pp. 355 a 360. Ed. Terra de Sol — Fortaleza — Ceará, 1969.

23. RIBEIRO, J.O. de Saboya — Memorial justificativo do Plano Diretor para a cidade de Fortaleza, apresentado à Prefeitura Municipal, em junho de 1947. Documento transcrito na Rev. do Instituto do Ceará, T. 69, 1965. Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza, pp. 215 a 243.

24. ANDRADE, F. Alves de — Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste, (Política objetiva em zonas semi-áridas do Brasil). Imprensa Universitária do Ceará, 219 p. p. 110. Fortaleza, 1960.

25. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA — Fundação (IBGE), "Divisão do Brasil em Regiões Funcionais. 112 páginas, 1972 p. 19.

26. Fundação IBGE — **Fortaleza-Ceará**. Coleção de Monografias n. 473. 40 p. e Rev. Trimensal do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro, T. 58 Parte I (1895, 1.º e 2.º trimestres; pp. 91 a 99).

27. INSTITUTO JOAQUIM NABUCO — "As migrações de Fortaleza" — Pesquisa executada em colaboração com a Universidade Federal do Ceará, IBGE com pesquisadores diversos, p. 325.

28. — DUQUE, J. Guimarães — "Colonização agrícola racional do Ceará", in Revisat do Instituto do Ceará, T. 70; ano 71-1957, Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza, pp. 164-172, p. 168.

29. STUDART FILHO, Carlos — "História do Ceará Holandês" — Fortaleza, Imprensa Oficial, 1956. "Páginas de História e Pré-História — Editora Instituto do Ceará — Fortaleza, 293 p. "O Antigo Estado do Maranhão e suas capitanias feudais" 351 p. Imprensa Universitária do Ceará — Fortaleza, 1960.

30. BARREIRA, Dolor — História da Literatura Cearense — Fortaleza, Instituto do Ceará, 1948; 332 p.

31. CONCEIÇÃO SOUZA, Maria — "Estudos Bibliográficos Cearenses" — Imprensa Universitária, Universidade Federal do Ceará, 134 p. Vide: Literatura Mapas e Plantas, Fortaleza — 1973.

32. ADERALDO, Mozart Soriano — "Crônica de um trecho da cidade". Rev. Inst. do Ceará, T. 72, ano de 1958; pp. 272-286. Discurso de posse no Instituto do Ceará, T. 64, pp. 290-299.

33. CAMARA..... **"Fortaleza de 1845"** apud ALMANAQUE DO CEARÁ — Documentário transcrito na Rev. do Inst. do Ceará, T. 72, ano de 1958; pp. 230 a 271. Este estudo apresentado com o pseudônimo de **Outro Aramac** é atribuído a João Brígido. Todavia, o anagrama "Aramac" indica ser CAMARA o autor. Não seria estudo de João Câmara?

34. DIÓGENES, Luciano — Os 7 pecados capitais de Fortaleza. Passado, Presente e Futuro. Fortaleza-Ceará, 1971.

35. CONCEIÇÃO SOUZA, Maria da — FORTALEZA — Roteiro Bibliográfico, pesquisa realizada para a Prefeitura Municípal de Fortaleza — Secretaria de Educação e Cultura — 1823-1873.

36. BENEVIDES, Artur Eduardo, org. — Cancioneiro da cidade de Fortaleza, Ed. Clã — 1953. 157 p.

37. CARVALHO, Francisco — Romanceiro do Mucuripe. Fortaleza — 1970.

38. CABRAL, Risete — "Rosa de Sol" (inédito). Fazemos aqui uma referência especial a esse livro, que tivemos a honra de prefaciar, livro que foi pela autora dedicado ao Sesquicentenário de Fortaleza, o qual, como obra de um só autor, consideramos mui original roteiro sentimental de Fortaleza.

39. NOGUEIRA, João — "Fortaleza Velha", Cadernos de Cultura Editora Instituto do Ceará, 1954, 188 p.

40. SOUZA, Euzébio Nery Alves de — Fortaleza de outros tempos. Rev. Inst. do Ceará, 1934 v. 48:130.